



FL. Nº
Anexo – notas taquigráficas
Proc. nº
CMSP – NOME DA CPI
Nome - RF

**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

SECRETARIA GERAL PARLAMENTAR
Secretaria de Registro Parlamentar e Revisão

COMISSÃO EXTRAORDINÁRIA PERMANENTE DE DEFESA DOS
DIREITOS DA CRIANÇA, DO ADOLESCENTE E DA JUVENTUDE

PRESIDENTE: FERNANDO HOLIDAY

TIPO DA REUNIÃO: AUDIÊNCIA PÚBLICA
LOCAL: Câmara Municipal de São Paulo
DATA: 16 DE NOVEMBRO DE 2017

OBSERVAÇÕES:

- Notas taquigráficas sem revisão
- Manifestação fora do microfone

O SR. PRESIDENTE (Fernando Holiday) – Boa noite a todos. Um pouco de vaia, um pouco de aplauso.

Com a presença do nobre Vereador Alfredinho e deste Presidente, Fernando Holiday, convocados na forma regimental, declaro aberta a audiência pública da Comissão Extraordinária Permanente de Defesa dos Direitos da Criança, do Adolescente e da Juventude.

Informo que essa reunião está sendo transmitida através do portal da Câmara Municipal de São Paulo, no endereço www.camara.sp.gov.br, links TV Câmara, Auditórios On-Line.

Sem quórum para deliberações, prosseguiremos os nossos trabalhos, na modalidade reunião técnica.

Na pauta de hoje debate sobre o Projeto Escola Sem Partido, PL 222/2017.
(Palmas)

- Manifestação na galeria.

O SR. PRESIDENTE (Fernando Holiday) – Convidados a participar Sras. e Srs.: Kim Kataguirí, do Movimento Brasil Livre; Arthur Moledo Do Val, do Canal mamãefalei; Karina Vitral, da União da Juventude Socialista – UJS; Catatau, da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas.

- Manifestação na galeria.

O SR. PRESIDENTE (Fernando Holiday) – Para começar, silêncio, por favor.

Apenas explicando à plateia e aos convidados, darei 10 minutos para cada um dos convidados falarem contrária e favoravelmente ao projeto. Começando, portanto, com os favoráveis, 10 minutos, ao convidado Arthur Moledo Do Val, do Canal mamãefalei.

O SR. ARTHUR MOLEDO DO VAL – Boa tarde. Normalmente, quando a gente fala de escola sem partido tem um erro muito comum que é o de achar que o objetivo da escola sem partido é proibir a doutrinação. Isso aí é uma coisa que até o pessoal a favor acha que o escola sem partido vem para proibir a doutrinação.

Eu mesmo fui muito crítico ao primeiro texto do projeto, porque a palavra doutrinação, realmente, é uma palavra muito ampla, algo que não é objetivo, mas é um pouco subjetivo. Eu até comecei a questionar: se um professor começa a dar criacionismo na aula, um aluno crente pode falar que está sendo doutrinado a ser ateu? E o contrário também: se um professor estiver ensinando criacionismo numa aula e o aluno acredita em darwinismo, em teoria da evolução, vai falar: poxa, esse professor está me doutrinando a ser crente, ou o que quer que seja.

Então a doutrinação é algo que...

- Manifestação na galeria.

O SR. PRESIDENTE (Fernando Holiday) – Silêncio, por favor.

O SR. ARTHUR MOLEDO DO VAL – A doutrinação é uma palavra muito ampla.

O texto foi corrigido, foi elaborado e virou um texto de apenas duas páginas. O Projeto Escola Sem Partido, muitas pessoas que são contra, inclusive, não leram o projeto.

Por que eu digo isso? Ouço muita gente falar da lei da mordação: é a lei da mordação, a lei que vai calar o professor, a lei da censura em sala de aula. Tem dois motivos muito simples, pelos quais esse projeto não pode ser considerado uma lei da mordação.

O primeiro de todos é muito simples, porque é simplesmente o que não está escrito. Basta ler o projeto e você vai ver que não há nenhum tipo de proibição, não há nenhum tipo de punibilidade no projeto.

O segundo motivo, é justamente porque não seria prerrogativa do Município executar esse tipo de coisa. Punibilidade nesse caso seria prerrogativa da União. Nem que o Município quisesse poderia punir um professor por estar, entre aspas, doutrinando um aluno.

Eu vejo que há pessoas que, de forma mais profunda do que essa, negam a doutrinação em sala de aula. Isso, para mim, é inclusive mais grave. Nós temos alguns dados aqui. Há uma pesquisa do Instituto Sensus, onde você tinha três opções para marcar qual seria o papel do professor em sala de aula. As três opções eram: Missão do professor: 1º) formar

cidadãos; 2º) contribuir para a formação profissional; 3º) ensinar a matéria. Oito por cento dos professores assinalaram “ensinar a matéria”; 78% dos professores acreditam que a missão deles em sala de aula é formar um cidadão – qual é o grande problema nisso? Formar um cidadão é algo do foro íntimo da família. Isso não é papel do professor, que está na escola para ensinar, para aplicar a matéria, para isso o professor é pago com dinheiro público, inclusive.

O Prova Brasil fez um teste com os professores: 55% dos professores têm pouco ou nenhum contato com a leitura. Qual é a consequência disso? Quando se fez uma pesquisa com os alunos com que personalidade eles se identificavam mais? Tinham várias personalidades lá e vou falar os campeões: 6% Einstein – um bom resultado; 6% Jesus Cristo, acima dele, 10% com Ghandi – Ok; 11% Marx. (Palmas) Pasmem, 29% Paulo Freire. (Palmas)

Pelos aplausos nós podemos ver qual é o nível da educação no nosso país.

O livro de história mais vendido no nosso país, inclusive recomendado pelo MEC, lembrando não é aprovado pelo MEC, mas recomendado, é o livro do Mario Furley Schmidt, *Nova História Crítica*, 10 milhões de exemplares vendidos, 20 milhões de crianças tiveram contato com esse livro.

Sabe qual é esse livro? Vocês se lembram daquela figurinha do capitalismo malvadão e do socialismo bonzinho? Esse é o livro. A própria editora emitiu uma nota dizendo o seguinte: publicamos livros para despertar nos estudantes a capacidade crítica de ver além das aparências e de levar em conta múltiplos aspectos da realidade. Isso para crianças de 5ª a 8º série.

Nesse livro – olhem que bacana – menciona que a propriedade privada aumenta o egoísmo e o isolamento entre as pessoas e que o movimento dos sem terras se tornou importante instrumento na luta pela justiça social do Brasil.

Esse é o livro de história mais vendido no nosso país. Tem uma página inteira dedicada (Palmas) ao Che Guevara. Tem outra página inteira dedicada à crítica do neoliberalismo. Acho que você não precisa nem saber direito o sentido de doutrinação para

saber que isso aqui não está certo.

O resultado da nossa educação é justamente o apresentado por diversos índices. Ai é que eu falo, onde estava a UNE quando apresentaram esses resultados durante anos aqui?

Imagine que você tem 5 bilhões de reais para investir em educação, você tem um projeto de país e te deram 5 bilhões de reais para aplicar em educação. Estou aqui com 5 bilhões para investir. O que o Governo está fazendo? Isso não é opinião, é fato, ele está investindo 4 bilhões em ensino superior e 1 bilhão em ensino básico e fundamental. Precisa ser algum gênio para saber que essa conta não está certa?

Por que isso acontece? Porque isso é eleitoralmente mais gostoso, é melhor falar que você está investindo nas suas universidades ainda que elas sejam uma das mais caras do mundo. Ela não está nos índices das melhores faculdades do mundo. Não está nem entre as 50.

Temos alguns dados e queria saber o que o pessoal da UNE acha disso. Temos no País hoje que investe proporcionalmente do PIB mais do que países desenvolvidos em educação. Investimos 5.7% do PIB.

De 2004 a 2014, quadruplicou-se o investimento em educação. Que maravilha. De 24,5 milhões foi para 94,2 milhões. Este País então deve estar muito bom em educação. Vamos ver os resultados dessa administração? Noventa e cinco por cento dos alunos do ensino médio não têm base matemática; 78,5% dos alunos do ensino médio não têm base de português; 40% dos universitários são analfabetos funcionais. Temos hoje no País 13 milhões de analfabetos. Qual foi a nota que a UNE soltou de repúdio ao governo petista que quadruplicou o investimento em educação e temos 13 milhões de analfabetos no Brasil. Mais da metade da população não tem ensino médio. Cadê a UNE na hora de falar disso?

Outro dado interessante: quatro em cada 10 universitários são barrados em estágios porque cometem erros ortográficos nas provas. Esse é o resultado que vocês estão

entregando? Este é o País da educação, como vocês falam? O pré-sal é nosso, vamos investir no futuro das crianças? É isso que é importante para vocês? Para mim, não é, porque eu sei que a UNE está recebendo dinheiro de carteirinha de estudante de maneira monopolizada e está gastando isso com bebida em vez de reconstruir sede. (Palmas).

A UNE recebeu mais de 12 milhões de reais para investir em eventos culturais e esportivos. Olha que bacana, olha que importante. As notas apresentadas eram frias. Gastaram com cachaça. Essa é a verdade. (Palmas).

No ano 2000, foi apresentada uma pesquisa, que se mostrou aqui, que 16% das pessoas tinham diploma. Menor do que a taxa do México e do Azerbaijão. Isso no ano 2000. Foi colocado um Plano de Metas. Das cinco metas que foram colocadas, quatro não foram cumpridas. A única que foi concluída foi de aumento no investimento em educação.

Em 2011, houve uma piora no índice. Onze anos depois, somente 12% da população tem diploma superior. Entre os 33 países analisados na outra pesquisa, nós estamos em último lugar. Último lugar. Esse é o resultado de 94.2 bilhões de reais que está indo para mão desse pessoal.

Bom, para finalizar, eu quero deixar bem claro que o movimento que eu represento hoje não tem um centavo de dinheiro público e não é braço de partido político nenhum. (Palmas).

Eu não preciso retirar dinheiro compulsoriamente de nenhum pagador de imposto para quem está aqui se sentir representado. Agora, se um aluno não se sente representado pela UNE, pela UBES ou quem quer que se queira citar, esse cara é compulsoriamente, ele é obrigado a se sentir representado porque ele não tem como na hora que vai pagar imposto não pagar. Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Fernando Holiday) - Agora, também pelo tempo de 10 minutos, contrário ao projeto Escola Sem Partido, Catatau, representando a UBES.

O SR. CATATAU – Boa noite a todos que participam aqui com a gente.

Um dos rapazes que idealizou o projeto, o Miguel Nagib, em uma das suas entrevistas afirma que o pensamento crítico é uma ideologia barata a serviço dos interesses políticos, partidários e eleitorais, que o mercado das ideias, como o ambiente acadêmico, é praticamente monopolizado pela esquerda, fenômeno generalizado e sempre com o mesmo viés. Ele afirma isso inclusive para justificar o projeto Escola Sem Partido. Se fosse de fato isso daqui, já teríamos construído a revolução socialista neste País.

Vamos tratar sobre escola pública. Quando debatemos o Escola Sem Partido, precisamos debater o contexto em que se levanta este projeto. Em todos os momentos que tivemos mudanças de regimes políticos, de forma brusca inclusive, do nosso País, tivemos sempre uma estratégia daqueles que mudaram rapidamente esse regime para uma estratégia. Essa estratégia era fazer a mudança dentro da escola, ou seja, na base de formação da sociedade. Isso aconteceu durante o fascismo, o Estado Novo, durante a ditadura militar. Se houve uma mudança, uma necessidade de se pautar a escola, a estrutura de formação dessa sociedade.

Hoje, estamos vivendo o mesmo processo, inclusive um processo que se assemelha ao que representou a ditadura militar porque na época da ditadura militar, tivemos duas grandes medidas na educação brasileira: desvinculação da obrigação do investimento mínimo da União na educação – foi o que aconteceu com a PEC do congelamento por 20 anos em saúde e educação no País – e a abertura para a iniciativa privada, uma expansão inclusive irresponsável de números de vagas e passou-se a construir escolas sem estrutura. Cortaram investimento, mas passou-se a expandir o número de matrículas por escola e o resultado que temos são escolas sem laboratório, sem nenhuma estrutura com professores que lecionam sem terem terminado o ensino superior. Estamos vivendo isso hoje nos ataques às escolas e à educação pública. Isso é o aprofundamento do que representou a ditadura militar no País.

Se a gente perceber o que representa a reforma do ensino médio aliada ao Escola Sem Partido, é uma tentativa de se mudar o conteúdo, de se mudar o que se ensina. Qual é o

interesse dos golpistas em mexer no conteúdo da escola?

O Fernando Holiday já andou passeando por algumas escolas para tentar fiscalizar alguns dos professores, mas tenho certeza de que ao invés dele tentar saber o que o professor está ensinando em sala, se ele pudesse perguntar a um estudante em sala de aula qual o problema da escola pública, ele certamente não falaria que é o professor, que é o conteúdo. Ele falaria que o problema da escola pública é a falta de carteira, da falta de estrutura, do laboratório. É isso que é latente nas escolas.

E muito me estranha um movimento, como o MBL, que se diz tão preocupado com a educação básica não colocar isso na centralidade, porque é esse o problema da escola pública.

Coloquei alguns dados para vocês, inclusive. Segundo o Inep, baseado no censo de 2013, só 11% das escolas brasileiras têm laboratório de Ciências; 65% das escolas brasileiras não têm biblioteca, em São Paulo isso representa 24%, deixando São Paulo na 19ª colocação; 81% das escolas brasileiras têm laboratório de informática, mas só são usados apenas 59%.

Em síntese, apenas 4,5 das escolas de todo o Brasil tem uma infraestrutura completa, ou seja, qual é o problemas das escolas públicas que precisamos discutir realmente? Esse é o meu primeiro questionamento, que eu deixo aqui ao Movimento Brasil Livre. Porque se nós queremos de fato ter uma preocupação com a educação básica precisamos olhar o que é essa escola pública dos dias de hoje, entender, inclusive, quem são as pessoas que estão na escola pública e por que o interesse dessas pessoas em mexer no conteúdo dela? Sabem por quê? Sabem quem está na escola pública hoje? São as massas dos filhos da classe trabalhadora.

E para os que estão no poder há muito tempo, as classes dominantes, é preciso fazer com que a escola continue sendo um aparelho ideológico de manutenção das classes dominantes. Ou seja, é fazer com que o filho do trabalhador não saia com consciência, não

saia com criticidade, não saia com capacidade de questionar sua realidade. E é isso o que representa o projeto Escola Sem Partido.

É criação de uma massa de robôs, de mão de obra barata, sem nenhum pensamento. Sabem por que mão de obra barata? Porque, inclusive, a própria reforma do ensino médio prevê o ensino técnico para todo mundo, ensino técnico para toda a rede de ensino. Ou seja, querem implementar o ensino técnico em toda a rede de ensino, querem mexer no conteúdo, naquilo que se aprende, mas não querem mexer naquilo que é essencial, que são as estruturas que a qualidade de ensino e querem a valorização desse professor.

Acredito que o grande equívoco do Escola Sem Partido é considerar que existe a possibilidade de ter um conhecimento neutro. Ninguém aqui consegue formular uma opinião que não seja carregada de valores ideológicos, porque a escola não é uma ilha. Os estudantes não são um papel em branco, nós temos opinião e demonstramos daqui, durante as ocupações, porque inclusive vocês morrem de medo.

- Manifestações fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Fernando Holiday) – Silêncio, por favor. Gente, por favor, para não ocupar muito tempo da audiência, vamos deixar que ele concluir a sua fala. Por favor, um minuto.

O SR. CATATAU – As ocupações, o que elas representaram? As ocupações foram um grande grito dos estudantes secundaristas, que disseram o seguinte: “A partir de agora, nada passará nessa escola, sem que ouçam a opinião dos estudantes, sem que considerem aquilo que nós acreditamos”. Debates cultura, debates política, nós trouxemos arte, nós trouxemos aquilo que a escola não tem. As ocupações foram um grande exercício de cidadania e aquilo que vocês querem enfrentar.

A escola tem um papel social sim, porque está inserida numa sociedade, por exemplo, no último mapa de violência de 2015, diz sobre mais de 4.700 assassinatos de mulheres registradas em 2013, 50,3% foram cometidos por familiares e em 33% desses casos

o crime foi praticado pelo parceiro dentro de casa, dentro dessas famílias.

E vocês querem me dizer que a escola não tem obrigação de falar sobre o homicídio, de falar sobre o machismo, de falar sobre o racismo que mata a nossa juventude, que mata as mulheres todos os dias. A escola precisa debater isso, porque não serão essas famílias, não serão esses valores que irão mudar a nossa geração. É isso. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Fernando Holiday) – Muito obrigado, acabou o tempo, Catatau. Agora, a favor do projeto, pelo tempo de dez minutos, Kim Kataguirí, do Movimento Brasil Livre.

O SR. KIM KATAGUIRI – Antes de tudo, obrigado a todos vocês, tanto de esquerda, como de direita, que vieram aqui para presenciar o debate, para debater, principalmente. Obrigado à Karina, obrigado ao Catatau, obrigado ao Artur e todos os que estão presentes e obrigado ao Presidente, por ter possibilitado essa audiência.

Peço licença para citar alguns pontos que foram levantados pelo presidente da UPES em relação à educação, em relação ao projeto Escola Sem Partido antes de me ater unicamente ao projeto em si.

Primeiro, o presidente disse que se a academia fosse de esquerda, eles já teriam feito uma revolução socialista.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. KIM KATAGUIRI – Não, não, Miguel Nagib nunca flou que a academia ia fazer uma revolução socialista, mas antes de qualquer coisa...

O SR. PRESIDENTE (Fernando Holiday) – Silêncio, gente. Silêncio, por favor.

- Manifestações fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Fernando Holiday) – Gente, quanto mais tempo vocês falam, mais tempo eles ficam aqui e menos tempo vocês têm para falar. Então, por favor, silêncio. O público vai ter o tempo de falar.

O SR. KIM KATAGUIRI – Vamos lá, retomando, o Catatau falou que se a academia

fosse de esquerda e toda essa grande conspiração existisse em torno da educação pública, em torno das universidades, vocês já teriam feito a revolução socialista. Primeiro, vocês não teriam feito, porque ela é impossível. Nunca deu certo em nenhum lugar do mundo. E segundo, esses socialistas que foram formados jamais fariam revolução, porque são socialistas de torre de marfim, são socialistas de *iphone*, são socialistas que só conhecem o próprio apartamento.

- Manifestações fora do microfone.

O SR. KIM KATAGUIRI – Prosseguindo aqui, em nenhum momento, como o Artur bem colocou, quem leu o projeto sabe, que de nenhuma maneira o objetivo do projeto é fazer com que o professor não tenha opinião ou que os estudantes não tenham opinião. Muito pelo contrário, os estudantes, o Holiday é estudante, o Artur é estudante, quer dizer, o Artur não é mais, mas eu sou e diversos outros que estão aqui, do Movimento Brasil Livre, são estudantes e fazemos política e também acho que vocês devem fazer, de maneira livre.

Agora, o que defendemos é que o professor não se utilize da atenção cativa dos estudantes para fazer militância político partidária. Fora da sala de aula, sem problema nenhum. Agora, dentro da sala de aula, ele está lá para fornecer o conteúdo.

Justamente pela falta desse conteúdo, que durante os últimos anos, a gente ocupou as piores colocações nos rankings de educação em todo o mundo. Vocês não precisam acreditar em mim, vocês podem entrar no Google ou mesmo nos exames do Ideb é público, é notório, todos sabem disso.

Uma tristeza que eu pude notar aqui é que o Catatau, presidente da UPES, que representa os estudantes de São Paulo, disse que vocês fizeram as invasões, vocês representaram os estudantes, vocês levaram ali, nas palavras dele, nós debatemos, nós trouxemos cultura, nós trouxemos arte. É triste para mim saber que um representante dos estudantes não sabe usar plural. Para mim, no mínimo, o representante dos estudantes tinha que saber estudar. No mínimo, isso.

Além disso, o Catatau falou sobre a influencia do Estado na educação, no fascismo,

no nazismo e quero lembrar que isso aconteceu em todo o regime totalitário em nome de utopias coletivistas: no fascismo, no nazismo, no socialismo, no comunismo e é justamente isso o que a gente combate. É justamente para evitar que o Estado entre em sala de aula, é justamente para evitar que partidos políticos que queiram fazer, de mera militância política, alunos que deveriam ter pensamento crítico, se tornem meros militantes, meros cordeirinhos, meros ovelhinhas do Estado. É justamente isso o que a gente combate, Catatau.

E você diz também que as escolas não têm estrutura, que o problema da educação básica é fundamental, é estrutural, Concordo 100% com você nisso, concordo completamente. O Artur levantou aqui, hoje o investimento no ensino básico é quatro vezes menor do que o ensino superior. E eu pergunto o seguinte - nós concordamos nesse ponto -, mas a diferença fundamental está no seguinte ponto: “O que a UPES ou a UNE fez em relação a isso durante todos esses anos?”

O MBL surgiu há três anos e já esteve debatendo para mandar mais dinheiro da educação superior para a educação básica para inverter essa pirâmide, para fazer com que de fato os estudantes do ensino básico recebam maior atenção, tenham estrutura, possam estudar e que aqueles que estudam, por exemplo, em UPES da vida, cuja maioria dos estudantes pode pagar para estar na universidade e é financiada pelos mais pobres. De fato financiam a educação básica.

Agora, o que na prática eu vi debatendo recentemente na Comissão de Educação é que tanto UNE, como UPES, como UBES, defendem que os mais pobres, por meio de impostos proporcionais, financiem a educação dos mais simples, que estudam na USP. E quanto a isso eles não fizeram absolutamente nada.

A educação brasileira é uma máquina de gerar desigualdade social, é uma máquina de gerar pobreza e os mais pobres financiam a educação dos mais simples, que podem pagar mensalidade. Em regra, quem estuda em universidade pública poderia pagar mensalidade, o que não acontece com quem estuda em escola pública, que está absolutamente sucateada. E

o que essas organizações, que dizem representar os estudantes fizeram sobre isso? Absolutamente nada. Nada.

E depois, o Catatau também coloca que a educação está sendo destruída. Eu queria saber em que sentido ela está sendo destruída, porque a meu ver já está destruída. Não existe nenhum processo de destruição, ela já está destruída há muito tempo. Quando essa destruição começou? Porque do último ano para cá o investimento em educação só aumentou.

Agora, isso não sou eu que estou dizendo, é público também. Podem entrar no Google e ver que o investimento em educação do último ano para cá só aumentou. Durante os governos petistas, quando reiteradas vezes a verba para a educação, principalmente para o ensino fundamental foi cortada, não houve *lobby* de sindicato de professor, não houve *lobby* de UNE, de UPES e de UBES.

É isso o que me entristece, porque independentemente de partido político, o MBL critica a situação da educação. Por exemplo, aqui no estado de São Paulo, o Governador Geraldo Alckmin, do PSDB, a educação é péssima, é horrorosa, assim como em todo o resto do país.

Agora, vocês dizem: “Ah, não, é porque é o Governo do PSDB”. Pode ser do PSDB, do PT, essa é a diferença entre nós e vocês, é uma sensibilidade de pensamento. E é justamente isso que a gente quer que os estudantes de escolas públicas e de universidades públicas tenham também.

É muito irônico que vocês coloquem, como o Catatau falou: “Ah, não, vocês estiveram no poder durante os 500 anos. Vocês foram a classe dominante”. Mas, que diabo de classe dominante é essa, Catatau? (Riso) O Lula é classe dominante, a Dilma é classe dominante. Eles estiveram no poder durante os últimos anos. Nós tivemos nos últimos anos Sarney, Fernando Henrique, Lula, Dilma, todos governos de esquerda. Que classes dominantes são essas? Que classes dominantes são essas que vocês dizem que ocuparam o poder durante tanto tempo? Que poder eu ocupei, Catatau? Queria que você me respondesse

isso. Que poder eu ocupei? De que classe dominante eu sou, Catatau? Pelo amor de Deus. É um absurdo você falar tanto contra a classe dominante. É um absurdo você falar tanto em relação à mão de obra barata, o sucateamento da educação quando mais uma vez eu reitero: UPES, UBES, UNE e o sindicato dos professores nunca se mobilizaram tanto quanto agora com o Escola Sem Partido que vocês dizer ser um assunto irrelevante, que não é importante para a educação.

Agora, quando houve corte no orçamento e quando a distribuição do dinheiro é absolutamente desproporcional para o ensino superior e para o ensino básico, aí o sindicato dos professores não fala nada, aí a UNE não fala nada. Quando o governo tenta criar um programa que beneficia os professores que têm bom desempenho, o sindicato vai contra. Por puro corporativismo. E vocês, que deveriam representar os estudantes e combater o corporativismo de professor que não quer trabalhar, ficam calados. Ficam do mesmo jeito, calados.

- Manifestações no recinto.

O SR. KIM KATAGUIRI – Só para terminar, quem realmente quer fazer com que haja uma educação de qualidade, quem realmente quer que o ensino básico tenha a devida atenção, luta para que os investimentos vão para essa educação. Agora, eu jamais vi UNE, UJS, UBES ou qualquer outra das organizações ou sindicato dos professores irem no Congresso e xingarem professor para passar investimento da educação superior para o ensino básico. Obrigado. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Fernando Holiday) – E agora, para falar contrariamente ao projeto, Carina Vitral, representando a UJS.

A SRA. CARINA VITRAL – Queria dar um boa noite a todos. Boa noite a todas. Obrigada ao MBL pelo convite, já está ficando cativo, sempre tentando fazer vários debates, parece que tem alguma coisa masoquista aqui. de tanto apanhar, sempre quer mais um debate.

Eu queria começar comentando algumas pérolas do Kim Kataguiri, porque ele sabe o plural, mas não sabe fazer sinapse. Desde quando Sarney é de esquerda? Com essa, você se superou.

- Manifestação fora do microfone.

A SRA. CARINA VITRAL – Olha, quando um burro fala, o outro abaixa a orelha. Os bruta montes do lado direito sentem e ouçam. Os bruta montes do time do Kim sentem e ouçam, pois o microfone está na minha mão.

Segundo, eu queria repor alguns conceitos, porque o JS e o Movimento Estudantil do Kim não faz lobby, faz luta. Esse é o papel de movimentos sociais. Você deve confundir porque o MBL, diferente de um movimento social, é uma empresa, é uamá agência de marketing, é qualquer coisa, menos um movimento da sociedade. (Palmas)

E eu queria dizer que o Kim falou aqui que concorda, que o problema da escola pública é o orçamento, é o sucateamento. Eu quero saber onde estava o MBL para protestar contra a PEC 55 que sabota todos os investimentos em educação pública. Sabem onde estava o MBL? Puxando o saco do Michel Temer. (Palmas)

Onde estava o MBL, quando os estudantes secundaristas ocuparam a Assembleia Legislativa de São Paulo para ter a CPI da Merenda e investigar a corrupção do Presidente da Assembleia Legislativa e do Geraldo Alckmin? Sabem onde estava o MBL? Puxando o saco do Geraldo Alckmin?

Onde estava o Vereador do MBL quando o Doria estava marcando a mão das crianças por falta de merenda? Onde estava o MBL para lutar pela merenda? O Vereador do MBL estava puxando o saco do Doria, estava viajando com o Doria, que não fica nem em São Paulo para cuidar da Educação. O Vereador do MBL é base do governo Doria, gosta de mamar nas tetas do governo, sim. (Palmas)

Portanto, respondidos esses absurdos que eu ouvi aqui, eu gostaria de dizer que o Ministério Público considerou inconstitucional o projeto escola sem partido, porque ele “está” –

segundo as palavras do Ministério Público, uma nota técnica – “na contramão dos objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil. Especialmente, o de construir uma sociedade livre, justa e solidária e de promover o bem de todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação”.

A segunda coisa, que eu queria dizer, é desmontar o conceito pelo qual o projeto escola sem partido se baseia, que é o conceito de neutralidade, neutralidade versus doutrinação. Existe conhecimento neutro? Existe como fazer ciência, como fazer história, como fazer matemática, como fazer biologia se despiendo de toda a sua ideologia? Da sua forma como você foi criado, se você é cristão, se você é ateu, se você vem da periferia, se você é trabalhador ou se você é patrão. Ou seja, na minha opinião, não existe ciência, não existe conhecimento neutro. E é por isso que a escola que eu defendo não é a escola só com o marxismo. A escola que eu defendo não é a escola que tenha uma ideologia de esquerda, mas a escola que tenha pluralidade, porque a pluralidade é pedagógico. Porque eu preciso saber o que é o neoliberalismo, eu preciso saber o que diz Adam Smith, eu preciso saber o que diz Davi Ricardo, eu preciso saber o que diz Keynes, o que diz Marx sobre Economia, para inclusive saber com qual dessas ideias eu concordo.

Eu já disse para ficar quieto. Eu já disse para ficar quieto.

Ou seja, não existe conhecimento neutro, e a escola ideal é a escola plural.

Um dos princípios em que a escola sem partido se baseia é que os estudantes são vulneráveis. Essa palavra é uma palavra que pode ter várias interpretações, mas o que eu sei é que vulnerável é uma pessoa que está na idade da infância e em processo de formação. Ela não é uma tábua rasa. Ela não é um papel em branco, como diz o Catatau. Ela tem opinião. Ela, com 15, 16, 17 anos de idade, ela já tem muita formação, já tem muita educação. ela está, sim, em formação, mas ela carrega consigo toda uma série de concepções feitas pela sociedade e não somente pela escola.

Eu concordo que a família é uma instituição fundamental para o ambiente

pedagógico. Eu concordo que o papel da família precisa estar cada vez mais próximo da escola, para saber se existe qualidade, para juntar, para lutar junto em defesa da escola pública, em defesa do direito à infância, em defesa do direito à educação.

Eu concordo que o ambiente de aprendizagem não se restringe à escola. Ele é totalizante. Ele vai além inclusive: ele é escola, é o museu, é a cultura, é a televisão, é a internet. Ou seja, é uma série de ambientes pedagógicos que fazem com que aquela criança, aquele adolescente tenha um ambiente de informação e de aprendizagem.

Portanto, qual é o papel da escola nesse sentido? Precisa ser uma escola democrática, uma escola plural, uma escola que tenha liberdade de ensinar e de aprender. Uma escola que tenha, sim, pensamento crítico.

Portanto, a escola que eu defendo é a escola da vida real, que trate dos problemas de nossa sociedade não como tabu, porque deixar de falar sobre a transexualidade, a homossexualidade não vai fazer com que isso deixe de existir. Não falar sobre a violência contra a mulher não vai fazer com que a violência contra a mulher deixe de existir. Não falar, inclusive, sobre o criacionismo, sobre o darwinismo, sobre todas essas questões, não vai fazer com que seja respeitado o nosso direito de liberdade religiosa. Portanto, a quem serve a escola?

Nos minutos finais eu quero perguntar: a quem serve o projeto escola sem partido? O projeto escola sem partido serve a duas questões. Primeira, barrar os mínimos avanços que a gente teve na escola pública brasileira.

Um exemplo disso é o ensino de África nas escolas. Esse foi um avanço da Educação brasileira e esse projeto quer frear, quer barrar, mas com certeza o principal objetivo desse projeto escola sem partido é barrar a organização dos professores e dos alunos, porque movimentos que são puxa saco de Governos não podem aceitar que exista sindicato, grêmios estudantis, ocupação para botar o dedo na ferida dos poderosos. Para botar o dedo na ferida e defender a Educação Pública. É para isso que o escola sem partido serve.

O SR. PRESIDENTE (Fernando Holiday) – Essa foi a Karina Vitral. Pessoal, agora vamos abrir para as inscrições ao público. Cada um terá três minutos para falar. Atenção, a inscrição é aqui com a Mirani. Serão cinco favoráveis, cinco contrários. Portanto, digam na hora da inscrição, anotem se vão falar contra ou favorável. Os primeiros cinco favoráveis irão falar. Os primeiros cinco contrários irão falar. Gente, não é competição, por favor, façam a fila direito. Os cinco primeiros favoráveis, os cinco primeiros contrários terão a inscrição garantida.

Enquanto isso, vou passar a palavra para o Vereador Alfredinho do Partido dos Trabalhadores.

O SR. ALFREDINHO – Vou contar um pouco da minha experiência. Minha formação não é a mesma de vocês porque já tenho uns aninhos de vida, bem mais do que muitos de vocês, portanto, minha formação é diferenciada das formações que todos vocês estão tendo e não poderia ser diferente.

Quero dizer o seguinte, quando estudava tinha um Professor chamado Medeiros, nunca esqueço isso. E ele era Professor de Desenho, na época tinha essa matéria. Em plena ditadura militar o Professor Medeiros tinha a coragem de dizer o que era ditadura militar, o que era democracia. Não era o papel dele. Sua matéria era desenho, mas ele falava de democracia e ditadura militar. E isso ajudou muito a minha formação porque tomei conhecimento de coisas e se ensinassem para mim só matéria do dia a dia, o desenho, a matemática, o português, certamente nunca ia saber o que era uma ditadura militar e o que era uma democracia.

Portanto, quando se diz proibir já se coloca uma questão de algo que não é democrático e que vai reprimir alguém que não vá cumprir. Na minha experiência também como trabalhador metalúrgico as coisas que conseguimos através da luta, muitas vezes na rebeldia, como aqui se falou sobre a ocupação de escolas, nós fizemos a ocupação de fábricas para poder conquistar uma comissão de fábrica, para poder discutir com o patrão de igual para igual e combater as várias truculências que havia dentro de uma fábrica. O patrão ou chefe que reprimia os trabalhadores ou assediava as mulheres.

Essas foram lutas que se fizeram e muitas vezes as pessoas achavam um absurdo se fazer uma greve ou ocupar uma fábrica. Mas para poder conquistar um espaço democrático fomos obrigados a fazer. Por isso, nesse projeto do Vereador Fernando e o importante aqui é que o debate é franco, um lado apoia a escola sem partido, outro lado não apoia, mas é um debate. Isso é democracia, quem é contra tem o direito de vir aqui e falar, quem é a favor também fala e todo mundo se respeitando. Embora alguns vão e outros aplaudam, mas é assim a democracia.

Foi assim que aprendi a respeitar e entender como funcionam as coisas, porque tudo bem, alguém fala: o professor não pode doutrinar o aluno porque a escola não pode ser doutrina partidária. Até entendo, como falou a minha amiga, a escola é plural. Acho que tem de ser plural também. Concordo. E nem acho que a escola se um professor, no meio da sua aula muitas vezes deixa um pouquinho do tempo de falar da matéria dele e fala sobre o que foi o Zumbi dos Palmares, acho que não está doutrinando o aluno, está trazendo conhecimento para o aluno. Até porque o aluno quando escolhe a sua doutrina partidária é em outra fase. Na fase adulta, na juventude. Outra fase de formação. Ninguém obriga ninguém a ser de direita ou de esquerda. É a pessoa que faz aquela opção.

Portanto, quando esse projeto foi apresentado na Casa, aliás, não foi o primeiro a ser apresentado aqui na Câmara. Já tinha sido apresentado outro antes, não lembro bem a autoria do projeto. Votei contra exatamente por discordar de tudo aquilo que aprendi. Aprendi na luta e não pensem que dentro de uma fábrica não tinha outros trabalhadores contrários ao sindicato, à greve. Os famosos fura greve, chamados de pelegos. Existia, mas debatíamos, fazíamos assembleias como esta. Muitas vezes tínhamos de barrar no peito o cara que queria furar a greve porque atrapalhava o movimento que estávamos fazendo. Dava uns cascudos às vezes também.

Mas foi um crescimento democrático para nós, por tudo que fizemos. E acho que ajudamos o Brasil também porque vejo as milhares de conquistas que os trabalhadores

obtiveram naquele período de lutas. E infelizmente hoje vemos muitas delas sendo atacadas, mas foi um momento rico para todos os trabalhadores do Brasil que estavam saindo de uma ditadura militar, organizando os sindicatos, discutindo a jornada de trabalho, um terço das férias para cada trabalhador, a licença maternidade e reconhecendo a profissão da empregada doméstica. Todas essas foram conquistas importantes, lutas feitas pelos trabalhadores.

Para encerrar, parabenizar o movimento Fernando Holiday. O Vereador é do MBL, eu sou do PT, só que o respeito aqui dentro. Respeito democraticamente. Ele também me respeita. O Vereador Holiday é Presidente da Comissão e também sou membro. É nesse ambiente que temos de conviver politicamente na Câmara, politicamente na escola e em qualquer lugar onde estivermos.

Muito obrigado e parabéns pelo debate.

O SR. PRESIDENTE (Fernando Holiday) – Vamos passar a palavra ao público.

Antes quero fazer algumas considerações.

Primeiro, antes de qualquer coisa, algo precisa ficar muito claro aqui. Quem diz que escola sem partido é mordalha para professor ou é ignorante ou mau caráter, porque sabe que não é. O escola sem partido vem na verdade como um projeto para garantir a liberdade do aluno em sala de aula. E é um problema que o Estado não vinha discutindo.

É óbvio que temos uma série de problemas em escolas. E o Catatau disse em sua fala que eu fui visitar escola para fiscalizar professor. Na verdade fui visitar escolas, coisa que infelizmente poucos políticos fazem, visitar equipamentos públicos, para ver qual era o problema de estrutura das escolas, se o prédio estava em boas condições, se os professores tinham condições de trabalho, como os alunos se sentiam naquele ambiente.

Mas fui também para ver se aqueles alunos tinham a sua liberdade de consciência, de pensamento preservado dentro da sala de aula, porque esse é um direito inalienável do aluno. Assim como muitos políticos, assim como muitos funcionários públicos e servidores podem estar abusando da sua autoridade. É impressionante, a esquerda gosta muito de dizer

porque a Polícia isso, porque a Polícia aquilo, reclamando do abuso de autoridade da Polícia ou desta ou daquela autoridade. O professor também é autoridade dentro de sala de aula e também não pode abusar da sua autoridade dentro da sala de aula.

Os professores devem sim ser respeitados. Ninguém aqui está discutindo isso. Ninguém está discutindo o respeito ao professor, a valorização do professor. Estamos discutindo sim aqueles que se aproveitam da atenção cativa dos seus alunos, independente da idade, para tentar enfiar goela abaixo dos alunos e das famílias suas ideias degeneradas. É isso que estamos discutindo aqui.

Então o escola sem partido não irá, em momento algum, procurar calar qualquer professor. Em hipótese alguma. O escola sem partido vem para garantir que os alunos tenham sua liberdade preservada. E vem para garantir que os professores não abusem de sua autoridade porque não iremos e não podemos fazer como a esquerda fez durante muito tempo neste país. Enquanto muitos alunos eram parados na catraca das universidades porque o FIES não estava sendo pago em dia pelo Governo, UJS, UBES e UNE ficaram calados e nós não vamos ficar calados.

Não vamos fazer como eles fizeram, enquanto estava rolando roubalheira a rodo com o mensalão no Governo Lula e ao invés de irem para a rua reclamar foram tirar foto ao lado do Lula. Nós não iremos fazer como eles fizeram durante o petrolão, enquanto a ex-Presidente Dilma estava afundada em escândalo de corrupção. Fomos às ruas pelo impeachment e agora vamos às ruas pelo escola sem partido.

- Manifestações na plateia.

O SR. PRESIDENTE (Fernando Holiday) – E vocês que agora tentam apontar o dedo para mim, sabe o que tenho a dizer para vocês? Podem me acusar do que quer que seja, mas eu fui na Justiça colocar minha cara e o bandido de vocês está escondido em São Bernardo do Campo.

Não temos bandido de estimação. Vê se eu estou em São Bernardo escondido. Eu

boto a minha cara a tapa, porque não tenho nada a esconder.

- Manifestações na plateia.

O SR. PRESIDENTE (Fernando Holiday) – Vamos agora à fala do público. Como começamos com os favoráveis, vamos começar com os contrários.

Primeira inscrita para falar contrário, Gisele para falar contrário pelo tempo de três minutos.

A SRA. GISELE – Olá. Olha vim aqui isenta, como curiosa, não sou de um lado, não sou de outro, mas queria fazer minha consideração para os dois lados ouvirem.

Primeira coisa, a pesquisa que vocês... Trabalhei 15 anos com pesquisa, essa pesquisa de base de vocês que é do CNT Sensus, de 2008, encomendada pela *Revista Veja*, não pode ser considerada por vocês como uma base sólida, uma pesquisa válida. E acho que é um assunto importante o que vocês estão falando. Não é para acontecer isso nas escolas, esse tipo de doutrinação, mas vocês têm que fundamentar. Isso desconstrói totalmente o discurso de vocês. Que pesquisa é essa? Tem representatividade? Vocês têm de divulgar isso e têm de se basear em fatos. Tem de ter estudo científico isento, feito por universidades, não é assim que se constrói nada.

É muito estranho o dado que vocês trouxeram: acho que colocou aqui 9%, que ensina a disciplina e o cidadão um valor absurdo. Muito estranho o professor colocar isso, esse dado é muito estranho. Com relação à formação do cidadão tem de ser mesmo, esse é o principal papel da escola, formar o cidadão para que saiba direitos e deveres. Esse é o principal papel da escola, ensinar cidadãos para saberem direitos e deveres.

E direitos e deveres não são de esquerda, de direita, de ideologia. São direitos e deveres do cidadão, por que isso incomoda, precisa fundamentar melhor isso, não faz o menor sentido. E para saber direitos e deveres tem de saber português, matemática, é óbvio. E nisso vocês concordam. O ensino tem graves problemas e temos que nos unir para falar sobre isso, fundamentar os problemas da Educação. E está péssimo. Isso vocês concordam. Esse é o

problema, mas por que o ensino está tão ruim, qual é o argumento de vocês mesmo?

Não faz o menor sentido. Não tem embasamento o que vocês colocam. É falta de investimento, é entulhamento. É isso daí. Não é o professor o problema. O professor precisa ser valorizado. Isso aí tem um monte de pesquisa. É público. Vocês precisam se informar, estudar mais. Vocês não podem chegar falando coisa sem fundamento.

O que mais vocês falaram? Marxismo. Marxismo é um pensamento importante, assim como o pensamento liberal. Os dois têm de ser dados e aí o aluno se coloca. Olha, fiz faculdade de ciências sociais, não sou nem marxista nem liberal. O marxismo - só para ensinar para vocês - e aí vocês precisam aprender bastante de história. O marxismo teve seu papel fundamental num contexto histórico e ele teve uma grande importância Karl Marx de falar das classes dominantes.

As classes dominantes elas se modificam ao longo do tempo e dentro do contexto histórico. Se eu não consigo falar eu não consigo concluir. As classes dominantes mudam conforme a história. Hoje a classe dominante, para responder a vocês, e elas foram várias ao longo da história, é o que a gente está vendo aí desses políticos e desses partidos políticos que compram votos para estar no Congresso. Hoje é isso.

O SR. PRESIDENTE (Fernando Holiday) – Obrigado Gisele. O próximo a falar, agora favorável por três, Everton Sodaro.

- Manifestações na plateia.

O SR. EVERTON SODARO – Já terminaram o grito de guerra de vocês? Posso começar? Presidente, recompõe o meu tempo, por favor.

A prova de que o Escola Sem Partido é necessária são os próprios estudantes da União da Juventude Socialista. Olha o nível dos estudantes da União da Juventude Socialista. Ali tem um senhor de uns 60 anos, pelo menos, eu vi estudante da União da Juventude Socialista xingando aquele senhor, mandando ele calar a boca. Se deem ao respeito. Respeitem. Respeitem a minha fala. Esse é o nível dos estudantes brasileiros. Estudantes que

não tem nível algum para discutir qualquer assunto, muito menos Escola Sem Partido.

Presidente, eu tenho certeza de que nenhum deles, como o Marco Feliciano...

- Manifestação na plateia.

O SR. EVERTO SODARO – Presidente, peço que o senhor recomponha o meu tempo. O que é mais incrível, e agora eu vou me ater ao tema do Escola Sem Partido, porque a Carina falou por dez minutos, o Catatau falou por mais dez minutos e ninguém falou do Escola Sem Partido. A Carina falou de ditadura militar, de roubo da merenda, só que a única coisa que ela não falou foi do Escola Sem Partido. O pouco que ela falou do Escola Sem Partido ela teve a canalhice intelectual de pegar o projeto do Escola Sem Partido, que nada mais é do que a imparcialidade do professor em sala de aula, e jogar contra o Escola Sem Partido. É isso que eles fazem, eles pegam o Escola Sem Partido e jogam contra o Escola Sem Partido. Já que a Carina perguntou onde estava o MBL, e eu não sou do MBL, por isso posso falar com isenção, onde estava o MBL quando o Alckmin fechou escola, onde estava a União Nacional dos Estudantes quando a Pátria Educadora cortou dez bilhões da educação? Carina, eu vou encerrar minha fala, só que fica aqui um conselho para cada um de vocês, estudantes marxistas, socialistas, o Escola Sem Partido já é uma realidade no Brasil, gostem vocês ou não. E se preparem porque daqui uns dias vai ser no país todo. Escola Sem Partido já.

O SR. PRESIDENTE (Fernando Holiday) – Obrigado, Everton. Agora, para falar contrário ao projeto. Vinícius Dino, pelo tempo de três minutos.

O SR. VINÍCIUS DINO – Sou Vinícius Dino, da JSPDT e da União dos Estudantes Estaduais aqui de São Paulo, diretor de assuntos jurídicos. Bom, gostaria de saber, a princípio a gente está debatendo escola, educação, mas a gente não falou de Anísio Teixeira, não falamos de Darci Ribeiro e Darci Ribeiro tem uma frase que diz que a frase do Brasil não é uma crise, a crise do Brasil é um projeto. Então, em virtude disso eu gostaria de saber como a Escola Sem Partido se perdura com tantas ONGs, como Alto Comissário das Nações Unidas para Direitos Humanos, que tratou o projeto como ameaça de direitos humanos básicos, com

várias ações do Ministério Público Federal, da Advocacia Geral da União e da Procuradoria Geral da República, ações da OAB. Como ações de várias entidades jurídicas se perduram fazendo várias e várias investigações, não é bem o termo, mas é abrindo ações nesse sentido para discutir, para ver em quais termos se dão as cláusulas dessa medida. Então a questão é, se a gente for falar de educação, a gente tem que falar do professor que trabalha todo dia, do aluno que está lá, que tem uma escola sucateada, é fato, mas não é com privatização que isso se dá, não é com estado mínimo. Me diga qual foi o país com estado mínimo que deu educação? Me dê em dados. Eu falo de estados que são sociais democratas, socialistas que tem educação como primordial, tem como educação emancipação do povo. Então, gostaria de dar a deixa, enquanto o MBL tem coleguismo com o João Doria, eu falo do Governador do Estado do Maranhã, Flávio Dino, quatro mil, 985 é o piso do professor. Quanto é de São Paulo? Qual é o piso salarial do professor hoje em São Paulo? Vocês têm que discutir isso, não discutir fascismo, comunismo. Isso tem que se pauta, mas isso é pauta secundária, tem que dar segurança, tem que dar educação para o povo. Não é isso, não é isso.

O SR. PRESIDENTE (Fernando Holiday) – Obrigado ao Vinicius. Agora, para falar favoravelmente ao projeto Wesley Vieira, pelo tempo de três minutos.

O SR. WESLEY VIEIRA – Primeiro, boa noite a todos. Quero cumprimentar toda a Mesa, cumprimentar o Catatau, a Carine que vem aqui debater. Bom, eu queria começar minha fala deixando uma pergunta para os dois, se vocês têm algum preconceito contra o ensino de base, porque só fico vendo vocês falarem em universidade e não sei o quê e o ensino de base sucateado. Eu sou da periferia da zona Leste de São Mateus, tantas prefeituras estaduais que são comandadas pelo Geraldo Alckmin, como as escolas municipais que foram comandadas durante vários anos pela gestão do PT, estão sucateadas e não vejo a UNE ir lá, não vejo ninguém ir lá falar nada. E outra coisa...

- Manifestação na plateia.

O SR. WESLEY VIEIRA – Calma aí, relaxa, calma. Está estressado. Outra coisa...

Sr. Presidente, recomponha meu tempo, por favor. Eles não aguentam o contraditório. Você vai falar ainda.

Outra coisa. Eu fico pensando: como alguém que diz representar os estudantes tira foto com o Maduro, que é um assassino de estudantes? Só no Brasil alguém fala que defende estudante e tira foto, é amiga pessoal de um assassino sanguinário como o Maduro. Isto é prova de que ela não defende estudante, ela defende quem é a favor da ideologia dela.

Outra coisa que me surpreendeu na fala dela, inclusive a fala dela nada tem a ver com escola sem partido, foi que ela falou: “Mas na escola tem que ter ideologia”. Mas espera aí, quando o aluno soma dois mais dois é o quê? Quatro é segundo a ideologia marxista, quatro é segundo a ideologia liberal? Eu quero entender. Explica essa conta, como é que funciona isso?

Gente, aluno tem que ir à escola aprender português, matemática, ciências e ponto final. Os pais que ensinem a religião que eles quiserem, a ideologia que eles quiserem. Essa é a escola sem partido. Só é contra escola sem partido quem quer ideologizar os alunos.

Esta é a minha fala, Sr. Presidente.

- Manifestações na galeria.

O SR. PRESIDENTE (Fernando Holiday) – Obrigado, Wesley.

Para falar contrário ao projeto, Joaquim.

- Manifestações na galeria.

O SR. PRESIDENTE (Fernando Holiday) – Silêncio, por favor, gente.

Pelo tempo de três minutos, com a palavra o Joaquim

O SR. JOAQUIM – Primeiramente eu queria dizer que não estou aqui nem para defender a UJS, muito menos o MBL. Eu estou aqui para falar contra o Projeto Escola sem Partido. Uma das coisas é que eu também não tenho formação intelectual nem de palestrante nem de MBL nem de UJS, então, se eu não souber falar quanto eles, vocês me desculpem.

Outra coisa é que eu fico muito encafifado quando chego aqui para falar sobre um

projeto que pode ser implementado na minha escola e só tem uma bancada de marmanjo aqui e aqui na mesa. Quem aqui é estudante secundarista? Quem está no ensino médio? Dois, três? Da hora. Bacana. Eu acho muito importante a gente falar de escola sem partido...

- Manifestações na galeria.

O SR. PRESIDENTE (Fernando Holiday) – Silêncio, senão eu vou ter que recompor o tempo.

O SR. JOAQUIM – Eu estudo no primeiro ano de uma escola estadual, e eu vou dizer assim: quando eu penso numa escola sem partido, eu penso como ele vai ser implementado e se ele ainda já não foi implementado. Porque quando eu paro para pensar na minha escola e no que eu aprendo, eu tenho que pensar se a escola quer fomentar algum tipo de pensamento, ou se a escola quer simplesmente que eu copie a lousa, entendeu? (Palmas)

Então eu não estou aqui para defender o MBL...

- Manifestações na galeria.

O SR. PRESIDENTE (Fernando Holiday) – Gente, por favor, silêncio.

O SR. JOAQUIM – Acho que quando a gente tem oportunidade de participar desses espaços, a gente tem que perguntar onde estão os estudantes no debate da educação. Porque quando se discute a reforma do ensino médio, que é um projeto que pode deixar a gente com nove aulas por dia, sendo que na minha escola hoje eu tive duas aulas, tive duas aulas porque não tinha professor, entendeu? “Tá” ligado? Então que está a gente para participar disso? Onde que está a gente para pensar sobre educação, sobre o projeto que a gente aprende na escola? Entendeu?

- Manifestações na galeria.

O SR. PRESIDENTE (Fernando Holiday) – Gente, por favor.

O SR. JOAQUIM – E mais do que isso: para além de criticar quem está a favor de implementar esse projeto, eu gostaria muito de me posicionar, fazer um apelo, para as entidades, para as instituições de esquerda – “tá” ligado? -, de respeitar o movimento

autônomo que foi o movimento que foi responsável pela ocupação das escolas em 2015, que fez o Geraldo Alckmin recuar no projeto dele, entendeu? Porque eu acho muito complicado também, quando a gente vê a UJS falando que não é puxa-saco de governo, e está elegendo um presidente, “tá” ligado?

- Manifestações na galeria.

O SR. JOAQUIM – Por que vocês não chamam a gente para debater? Por que vocês não chamam a gente para conversar, mano? Onde que está a gente? Por que a gente não está participando dessa Mesa? Vocês são secundaristas? Vocês estão no ensino médio?

- Manifestações na galeria.

O SR. PRESIDENTE (Fernando Holiday) – Já foi o tempo.

O SR. JOAQUIM – É pra você também, parceiro! É pra você também, louco! Tá ligado?

O SR. PRESIDENTE (Fernando Holiday) – Joaquim, já foi o tempo.

- Manifestações na galeria.

O SR. PRESIDENTE (Fernando Holiday) – Para falar favorável ao projeto, Éder Estéfano, pelo tempo de três minutos.

O SR. ÉDER ESTÉFANO – Boa noite. Primeira coisa que eu queria falar para vocês: eu sou professor da rede pública, então eu posso falar com certa propriedade por que eu sou a favor do Projeto Escola sem Partido. Eu dou aula faz mais ou menos dez anos, Guaianases, zona Leste, e eu percebo o quanto a escola foi, com o tempo, tomando forma de família.

Isso é muito grave, porque alguns poucos professores – eu afirmo que é minoria – utilizam essa audiência cativa, essa carência do aluno. Porque quando você está dentro da sala de aula, alunos te têm como formador de opinião, e isso é grave. E uma minoria de professores sindicalistas, partidários ideológicos, aproveitam disso – porque eu vejo isso na escola -, aproveitam desse clima na escola para colocar na cabeça das crianças o seu ideal

político-partidário, coisa que é a família que tem que levar.

A cultura é a família que tem que colocar. Nós, professores, temos que ensinar a ciência, a matéria que nos compete. Simples assim. Eu jamais ia me sentir perseguido, como vocês falam, ou amordaçado, por um projeto que só informa para os alunos e para a comunidade que as crianças não devem ser doutrinadas. Simples assim. Basta o professor entrar na sala, ensinar a matéria que compete a ele.

Agora eu só queria fazer uma fala. O amiguinho aí falou que ele é aluno do ensino médio, que ele fica muito preocupado com falta de professor etc., com a falta de estrutura na escola. O Escola sem Partido vem exatamente para isso, para formar cidadão, não fazer vários robzinhos para votar errado depois, do jeito que continuaram votando.

Escola sem partido já!

Só para concluir...

- Manifestações na galeria.

O SR. ÉDER ESTÉFANO – Vocês vão me deixar falar? Vai me deixar falar? Que democracia vocês prezam?

- Manifestações na galeria.

O SR. PRESIDENTE (Fernando Holiday) – Gente, por favor.

O SR. ÉDER ESTÉFANO - Só para concluir, eu sou de Suzano e lá em Suzano nós já protocolamos o Projeto Escola sem Partido e vai ser aprovado, sim!

Obrigado e boa noite.

Escola sem partido já!

- Manifestações na galeria.

O SR. PRESIDENTE (Fernando Holiday) – Obrigado, Estéfano.

Para falar contrário ao projeto, a estudante Jussara Alencar, pelo tempo de três minutos.

A SRA. JUSSARA ALENCAR – Primeiramente, boa noite. Eu só vou começar a

falar quando esses manos aí me deixarem.

Eu queria primeiro corrigi uma fala do Artur, quando ele fala e quando outros manos aí falaram, que educação é função da família, educação para formar cidadão. Eu queria lembrar que existem 47 mil crianças em abrigo e que educação é uma função da sociedade!

Aí, beleza, né? Vamos falar do Escola sem Partido. Eu queria lembrar também que escola sem partido já existe na periferia. A escola sem partido, a escola sem estrutura, a escola sem professor, a escola sem investimento. Nenhum partido está interessado em construir uma educação que liberte a gente, que faça a gente construir “criticidade”.

E aí os estudantes estão dando uma aula de como se constrói e o que é educação, em 2015 e 2016, sem apoio das entidades, porque a gente autonomamente já faz isso. E esse ano, quando o Doria cortou o passe dos estudantes - que ele acha que educação é só ir para a escola, que a gente não vai para museu, que a gente não vai para esporte, que a gente não vai para instituições de cultura -, era a gente que estava lutando.

Então eu queria lembrar que só os estudantes pelos estudantes é que sabem quais são as demandas da escola pública, e que vocês não sabem – entendeu? -, porque vocês não estão lá. Quem está lá é a gente! Olha quem está aqui nessa mesa, não tem nenhum estudante secundarista, entendeu?

Então é isso, gente. Obrigada.

- Manifestações na galeria.

O SR. PRESIDENTE (Fernando Holiday) – Obrigado, Jussara.

Para falar favorável ao projeto, Guilherme Danilo, tempo de três minutos.

O SR. GUILHERME DANILO – Boa noite aí para todo mundo. Meu nome é Guilherme. Eu vou falar um pouquinho sobre as funções do professor, a meu ver. Eu não tenho afiliação com ninguém, nem MBL, é o primeiro debate que eu estou vindo.

O que acontece é o seguinte: um professor de português fez uma faculdade para ensinar português. É a mesma coisa eu: eu sou técnico de sistema de câmera, eu sei sistema

de câmara. Se vai ter política na escola, tem que ter um profissional para ensinar política, entendeu?

Eu pergunto para eles aqui, eles são estudantes, pergunta para um deles o que é um ditongo, Vê se algum deles sabe.

- Manifestações na galeria.

O SR. GUILHERME DANILO - Pergunta para esse monte de estudantes que estão aqui o que é um hiato. Nenhum deles sabe. Agora eu vou entrar no...

- Manifestações na galeria.

O SR. PRESIDENTE (Fernando Holiday) – Silêncio, gente, por favor.

O SR. GUILHERME DANILO – Por favor, silêncio aí. Eu vou falar agora só uma coisa, vou fazer uma pergunta para a Carina. Quando iniciou tudo, esquerda, direita... Vamos falar sobre a Guerra Fria. Como que eu vou apoiar a esquerda sendo que o socialismo não funciona. Tudo começou na Guerra Fria. Vocês sabem o que é Guerra Fria? Por que o socialismo perdeu a Guerra a Fria? Carina, você sabe responder, já que tem que saber história? Tem que saber história, vamos iniciar lá na Guerra Fria.

O socialismo perdeu a Guerra Fria para o capitalismo pelo seguinte motivo: eles ficaram atrasados em avanços tecnológicos. Entende uma coisa: como que eu vou ser socialista, eu vou estudar para receber a mesma coisa que uma pessoa que cata latinha? Para que eu vou estudar? Como que o socialismo vai dar certo num país assim? Eu acho que cada um tem que buscar o seu progresso, cada um tem que ir atrás do seu progresso.

Eu sou contra Fundo de Garantia, eu sou contra o INSS, eu sou contra escola pública, eu sou contra hospital público, eu sou contra qualquer benefício. Um exemplo bem simples de por que eu sou contra escola pública. Eu vou optar por não ter um filho, eu não vou ter filho, e mesmo assim eu tenho que pagar escola para os filhos de vocês? Ah, vai tomar...

- Manifestações na galeria.

O SR. PRESIDENTE (Fernando Holiday) – Obrigado ao Guilherme.

O último a falar contrário é o professor Michele, pelo tempo de três minutos.

O SR. MICHELE – Boa noite. Não precisa filmar, Artur. Artur, não precisa filmar. Artur, eu não dou direito de você me filmar. Por favor! Artur, eu estou pedindo por favor. Vereador...

- Tumulto.

O SR. PRESIDENTE (Fernando Holiday) – Por favor, gente, vamos manter a ordem.

O SR. MICHELE – Por favor, gente, vamos sentar. Artur, por favor, estou pedindo por favor. Eu não quero te processar. Eu não quero ser filmado. Eu tenho esse direito, eu tenho esse direito.

- Tumulto.

O SR. MICHELE – Gente, por favor. Senhores...

- Tumulto.

O SR. PRESIDENTE (Fernando Holiday) – Ninguém vai ser impedido de filmar nesta audiência pública! Quem quer falar tem que aguentar. Então por favor, mantenham a ordem.

- Tumulto.

O SR. MICHELE – Everton, por favor.

- Tumulto.

O SR. PRESIDENTE (Fernando Holiday) – O debate estava indo bem até agora.

- Tumulto.

O SR. MICHELE – Everton! A questão não é... Tudo bem.

O SR. PRESIDENTE (Fernando Holiday) – Quem quiser filmar pode filmar. Isso aqui é um local público...

O SR. MICHELE - Por isso que o Alexandre Frota fala o que fala. Agora eu estou entendendo.

Senhores, por favor.

O SR. PRESIDENTE (Fernando Holiday) – Então, por favor, pelo tempo de três minutos.

O SR. MICHELE – Vereador, antes de contar o tempo, olha só o auê que está. Dá para todo mundo sentar, por favor?

O SR. PRESIDENTE (Fernando Holiday) – Gente, por favor, para começar a contar o tempo e para que a gente possa encerrar o debate. Estava tudo indo bem até agora, estava todo mundo em paz.

O SR. MICHELE – Depende para quem, mas tudo bem.

O SR. PRESIDENTE (Fernando Holiday) – Erva doce para todo mundo. Gente, por favor, para a gente encerrar aqui.

- Tumulto.

O SR. PRESIDENTE (Fernando Holiday) – Eu vou começar a contar o tempo para o Marcos.

- Tumulto.

O SR. PRESIDENTE (Fernando Holiday) – Gente, por favor, silêncio.

O SR. MICHELE – Por favor. Quer chegar mais perto? Chega mais perto. Você não vai me irritar. Eu não tenho nada contra você.

O SR. PRESIDENTE (Fernando Holiday) – Quem quiser conversar com os palestrantes conversa no final da audiência.

- Manifestações na galeria.

O SR. MICHELE – Senhores, por favor.

Ele está pedindo para você ir... Ele está desobedecendo. Aí é com vocês.

O SR. MICHELE – Não, não. Tudo bem.

O SR. PRESIDENTE (Fernando Holiday) - Todo mundo nos lugares. Gente, vamos todo mundo tomar seus lugares. Por favor, isso, isso. Gente eu não vou conseguir dar a

palavra para os próximos inscritos se todos não tomarem seus lugares.

- Manifestações na plateia.

O SR. PRESIDENTE (Fernando Holiday) – Tem a palavra, por três minutos, o Marcos.

O SR. MARCOS – Senhores, tanto de um lado como do outro, eu me sinto na minha sala de quarta série. Então, vamos ouvir, seja a favor, seja contra. Por quê? Estamos decidindo o futuro de uma nação, não é assim: “O meu time ganhou”. Por favor. Não é hoje, é o futuro de uma nação. Eu quero que ouçam. Eu não sou PT, não sou PTB, eu sou só um professor só. Eu pensei que tinha uma lei que dizia: você só pode ser filmado quando você quiser, mas aqui, tudo bem, não vamos brigar. Primeiro, não confunda exata com humanas. Não comecem, porque se vocês começam eles começam. É quarta série. Todo mundo, por favor, não confunda exata com humanas. Vamos lá, escola sem partido, se professor doutrinasse o PSDB não estaria 25 anos no poder. Espera aí. Digamos, Artur, vamos imagina que estou dando aula para o Artur. Artur, o Alckmin é um mal. Se fosse, 230 mil professores no [estado de São Paulo: vota no cara x, não estaria há 25 anos. Se houvesse doutrinação no município, quem seria prefeito? Fernando Haddad. É simples. Então, outra, que eu me lembro faz um ano, você fala do MBL, grava o professor doutrinando. Cadê o raio do vídeo? Faz um ano que não aparece. Não, não, os professores doutrinam. De novo. Quando vem falar aqui vamos ouvir. Vamos usar o cérebro, não usar o coração. Sério isso. Isso é o futuro. De novo, escola sem partido para quem? É uma pergunta para ficar? Calma. Os nossos amigos andam com certas pessoas, seja a, b ou c. Se eu ando com o Cunha, alternativa a, brevemente vocês vão falar o Marcos anda com o Cunha, se eu ando com o Lula, vão falar, O Marcos anda com o Lula. Então, quer dizer, que o meu projeto pode vir por alguém Cunha ou alguém Lula. Gente, de novo, vamos usar a... Eu não estou falando que MBL é ruim. Tem uma coisa que ninguém foge, é da história. Da história ninguém foge. Vocês podem falar, o.k. beleza, mas eu quero saber, cadê o raio do professor que é o doutrinador, que ele vai lá. Gente, aluno não é robô,

nunca vai ser, é muito difícil. Então, de novo, só para terminar, eu acho que nós temos que usar muito mais o cérebro do que o coração, porque, caso contrário, fica um Fla-Flu que não vai a lugar algum. Esse aqui já é o terceiro o quarto debate e nós andamos. Então, de novo, eu só pergunto: escola sem partido para quem? Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Fernando Holiday) – O último a falar favorável é o Guto Zacarias, pelo tempo de três minutos.

O SR. GUTO ZACARIAS – Boa noite. O próprio fundador da New Leivity, nos Estados Unidos, um vez falou que o debate entre um socialista e um liberal é como se fosse o Godzilla contra o Bambi, é o que a gente viu aqui no dia de hoje. O Quim e o Artur praticamente massacraram a Carina e a Catatau. A verdade é essa. A Carina e a Catatau fizeram uma fuga do tema gigante. Falo de ditadura, falou de merenda, não sei o que mais. O Quim e o Artur foram direto ao ponto, que é a falta de investimento nas escolas. Como o outro candidato aqui falou: “Mas hoje, na minha aula, eu tive dois professores”. Mas isso é culpa do escola sem partido ou do investimento muito grande no ensino superior e muito baixo no básico? Atente-se ao tema. A outra ele falou: “Cadê os alunos aqui no debate público?”. Com essa educação doutrinadora não vai ter mesmo não. Só vai ter nas invasões. Depois ele falou: “Lá no MBL não tem nenhum estudante.” Outra aluna perguntou, ali diz que tinha dois estudantes do MBL. Mas vamos lá. Três. O Milton Friedman falou uma vez: “Se você estiver com câncer, você só vai ser tratado por um médico que também teve câncer?” Que a nossa solução aqui é ótima. Outro cara ali falou: “Escola sem partido para quem? Para o MBL?” Não, o escola sem partido não é do MBL, a gente só é a favor, o movimento escola sem partido é de 2004, não tem a ver com o MBL. E a esquerda, que tem partido que fala de socialismo e liberdade, mas nas escolas o que a gente vê é autoritarismo, são professores que usam da audiência cativa dos alunos para doutrinar. Isso é verdade. Ou a audiência não é cativa dos alunos? Não é não? Porque se a esquerda é a favor dessa doutrinação, dessa escola autoritária, é porque ela é contra a liberdade.

O SR. PRESIDENTE (Fernando Holiday) – Acabou o tempo do público. Agora eu vou passar novamente...

- Manifestação na plateia.

O SR. PRESIDENTE (Fernando Holiday) – Eu vou passar novamente aos convidados para que possam fazer as suas conclusões, cada um agora pelo tempo de seis minutos, fazendo a ordem inversa. Tem a palavra a Catatau, representando a UPPS.

A SRA. CATATAU – Bom, gente, é o seguinte, é por isso que nós precisamos combater o escola sem partido, porque dentro da escola nós temos uma série de pessoas como esse moço aqui na minha frente que não consegue lidar com a diferença, que debocha, que humilha, que ri e é por isso que milhares de jovens LGBTs, mulheres, negros e negras tem dentro da escola a sua primeira violência. E o escola sem partido vem para combater a possibilidade de uma escola poder debater essa diversidade aqui, porque se de fato, porque a questão mais grave do escola sem partido é quando ela questiona a própria transmissão do conhecimento e dos saberes que não pode entrar em contestação dos valores morais da família. Mas, dentro de uma sala de aula pública nós temos 40 alunos, nós temos, portanto, 40 tipos de valores morais de várias famílias, de famílias que têm uma série de opiniões sobre várias coisas. Como se vai aplicar um projeto desse? Como um professor vai conseguir dar uma aula sem ferir esses valores morais de 40 estudantes, de 40 realidades diferentes. Inclusive, o próprio golpista, ministro da educação, o Mendonça Filho, apesar de não falar publicamente, ele já disse que a viabilidade da aplicação desse projeto é absurda, porque fazer um debate sobre o que é a doutrinação, eu posso perceber a doutrinação de uma forma, estamos dizendo que vamos passar a debater o que é doutrinação a partir das concepções e da forma como cada família, cada indivíduo dentro da sala de aula percebe o que é doutrinação.

Então, é uma coisa muito abrangente, conceitual o que é doutrinação. Eu acho que existe algo por trás que esconde o objetivo da escola sem partido. Inclusive, o escola sem

partido nasceu para combater essa tal de ideologia de gênero, que vocês tanto falam. Uma coisa que não existe dentro da escola, sociologicamente não existe o termo ideologia de gênero. Foi inventado para que pudéssemos fazer esse tipo de debate. Agora, não acho que a escola tem de se furtar de debater essa pluralidade de homens, mulheres, de negros e negras que passam pela violência dentro da escola. E vocês querem combater isso. O Brasil, no último relatório do Senado, em 2016, comprovou que são 63 jovens pretos mortos por dia. Isso significa 1 a cada 23 minutos, os jovens pretos são mortos. Por quem? Por essa sociedade, por essas mesmas famílias, por essa polícia militar.

- Manifestação fora do microfone.

A SRA. CATATAU - E quero saber, quais são os valores que vocês estão dizendo aqui? Quais são os valores que precisam ser garantidos dentro da escola? Inclusive, na justificativa do projeto, vou ler o último parágrafo da justificativa da escola sem partido. Diz o seguinte: nota-se, por fim, que o projeto não deixa de atender as especificidades das institucionais convencionais e particulares, cujas práticas educativas sejam orientadas por concepções, princípios e valores morais, as quais reconhecem expressamente o direito de veicular e promover os princípios, valores e concepções que as definem exigindo-se apenas a ciência e o consentimento expresso por parte dos pais e responsáveis pelos estudantes. Ou seja, isso aqui é doutrinação. Está dizendo que será a partir dos valores da família, que vai ser ensinado dentro da escola. Uma vez que, inclusive, alguém disse na intervenção, que a educação, vou dizer como está ao pé da letra: a educação é responsabilidade do Estado e da família com a colaboração da sociedade, não dá para querer impor o poder absoluto da família sobre o processo de ensino e educação. É isso que vocês querem.

- Manifestação fora do microfone,

A SRA. CATATAU - A Constituição Federal do Brasil, a lei federativa, inclusive é por isso que é inconstitucional, prevê em primeiro lugar que é dever do Estado, em segundo, da família, em colaboração com a sociedade. O que vocês buscam aqui é colocar a família

para ensinar em primeiro lugar, essa mesma família que passa por uma série de problemas e é fruto de uma sociedade que, como eu disse, vem gerando uma série de violências contra a juventude e precisamos debater. Não é essa sociedade que está mergulhada numa série de preconceitos, uma série de valores conservadores que vai ensinar que não se deve bater em mulher, que deve se respeitar a diversidade. Precisamos questionar isso também porque é isso que está em jogo, é a formação dos filhos da classe trabalhadora e a nação brasileira. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Fernando Holiday) - Para concluir favorável o Artur Durval, representando o movimento brasileiro.

O SR. ARTUR DURVAL – Ouvimos os dois lados, acho que deu para esclarecer não só para nós, inclusive, o pessoal que falou bastante de não filmar, eu gostaria que o pessoal olhasse para trás e desse um tchau para a câmera. Está tudo aqui. O pessoal de casa também pode ver quais são os argumentos e contra do projeto da escola sem partido.

Eu e o Quim ficamos babando para responder a última do Catatau, mas o Quim como é doutor jurista, eu vou deixar para ele. Quando o Catatau falou, com essas palavras, eu queria que todo mundo marcasse bem, a escola sem partido serve para você não poder contestar os valores morais da família, eu queria que vocês lembrassem bem disso. Depois ele continua e fala que de 63 jovens mortos pretos por dia. Eu vou deixar para vocês irem procurando nas duas páginas da escola sem partido, qual a relação de uma coisa com a outra, onde está que você não pode contestar. Eu não consigo fazer isso sozinho.

Eu ouvi de tudo, inclusive, o pessoal contra, o pessoal que foi falar aqui no microfone. Ouvi um professor falando que professor não doutrina, que não existe esse negócio de professor doutrinar. Eu gostaria de deixar para todo mundo, entrar no escolasempartido.org.br, tem muitos vídeos. Ainda bem que hoje temos internet para mostrar esse tipo de coisa.

Outra coisa que aconteceu, o pessoal da esquerda não consegue respeitar o tempo

do outro, mas vamos lá. Eu ouvi o questionamento muito....Presidente, recomponha o meu tempo.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Fernando Holiday) - Quanto mais você fala, mais tempo ele vai ter, por favor.

O SR. ARTUR DURVAL – Ouvi também um questionamento sobre uma pesquisa que apresentei, que é um dado de 2008, a pesquisa não é de 2008, mas se fosse ainda assim mostra que em 2008, a gente tem esse tipo de doutrinação que é sentida, a consequência dela é sentida por todos vocês quando a gente vê, por exemplo, 8% dos professores responderem que a missão do professor é ensinar a matéria. Não gostou dessa pesquisa, não tem problema, você pode consultar os índices do IDEB; se não gostou, pode consultar o PISA; não gostou, pode pegar o Prova Brasil; não gostou, pode olhar qualquer índice das universidades do mundo e me falem se as do Brasil não são as mais caras e ao mesmo tempo não estão entre as 50 melhores do mundo. Não gostou, nossa a USP está entre as dez melhores, me apresentem esse estudo, passo a defender o orçamento da USP amanhã.

Outra coisa interessante é que falamos muito aqui, eu nem precisava falar porque depois do último rapaz que falou aqui ele deixou muito claro que a gente falou e falou e ninguém conseguiu rebater que o investimento em educação está errado. Investimos aqui, vou falar novamente, 5,7% do PIB. E vem a PEC malvada que vai congelar os investimentos em educação. E olha que interessante, praticamente no ano decorrente depois da PEC foram ampliados os investimentos em saúde e educação. Mas não, não é bom olhar os números, vamos olhar somente o que o professor falou para nós na sala de aula.

Eu ouvi a fala da Carina, que a gente não é um movimento social. E se para você ser um movimento social é compulsoriamente arrancar dinheiro de imposto para poder me sustentar, não quero ser um movimento social. Eu prefiro ser uma empresa, um movimento de rua que precisa pedir centavo por centavo para vocês que sustentam a nossa luta

espontaneamente. (Palmas)

Obrigado pelo apoio de vocês. O MBL só existe porque empresários e trabalhadores doam espontaneamente para o movimento. Muito obrigado, eu não preciso de puxa-saco do PT e nem do PC do B para sobreviver.

- Manifestações fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Fernando Holiday) - Silêncio, por favor. Eu vou pedir para o pessoal, até agora estava tudo indo bem. Vamos concluir esse debate no alto nível, por favor. Estava todo mundo em paz, mais ou menos, respeitando o outro.

Por favor, sem agressão. Voltem aos seus lugares, por favor. Todos sentados, não vamos concluir os debates enquanto não tomarem seus lugares. Para concluir, estava tudo em paz, todos sentados para que possamos voltar o tempo do Artur, e a Carina ter o seu tempo. Está de volta o tempo do Artur, um minuto.

O SR. ARTUR DURVAL - Eu sofri duas tentativas de agressão. Gostaria de deixar uma observação.

O SR. PRESIDENTE (Fernando Holiday) - Por favor, eu vou ter de ficar parando o tempo e quanto mais tempo vocês falam, mais tempo ele tem.

O SR. ARTUR DURVAL - Diferente da esquerda que gosta de se vitimizar, esse povo ainda não aprendeu que quanto mais eles me agrirem, mais ganhamos voz. Basta entrar no Youtube, Mamãe falei.

Continuando, eu gostaria de deixar duas observações que concordo com o discurso da Carine e do Catatau. O primeiro foi quando o Catatau falou que o termo doutrinação, que foi justamente que abri minha fala, que é um termo muito amplo e a palavra que ele procurou e não acho é subjetivo, não é objetivo, é subjetivo da interpretação de quem lê. Por isso que o texto foi reformado. E a gente pega a Carina, eu não acredito que ela seja burra, acho que é desonesta, porque falou que o projeto foi considerado inconstitucional. Carina, vamos ler. O projeto que foi considerado inconstitucional foi o do Alagoas. O que estamos discutindo aqui é

do Holiday. E se for inconstitucional, vocês nem precisam voltar porque vai ser barrado. Vamos tentar respeitar as regras.

Eu queria deixar no final, se eu conseguir pegar o vídeo, deixar muito claro que concordo demais com a Carina quando ela levantou e falou efusivamente que ela precisa aprender Adam Smith; que ela precisava aprender Davi Ricardo, concordo 100% com você, Carina, você precisa muito aprender sobre isso, não só você mas todos os alunos que hoje infelizmente têm muito acesso a Marx, e não têm acesso a Mises. Isso é o escola sem partido, isso é a pluralidade de ideias, isso é você não ter uma lei da mordança. Mas não tem problema, o projeto escola sem partido está aí e não vai cair o olho se todo mundo ler duas páginas. Muito obrigado, um abraço. E vamos questionar tudo.

O SR. PRESIDENTE (Fernando Holiday) - Agora, pelo tempo de seis minutos, Carina Vitral, pela UJS.

A SRA. CARINA VITRAL –Querida primeiro falar para o Artur Durval que eu li Adam Smith inteiro, não só uma nota de rodapé, porque sou estudante de economia e não tenho problema nenhum de ler os autores que não concordam. Inclusive, ele não sabe, mas a teoria do valor que foi iniciada por Adam Smith também é trabalhada no Carl Marx. Você não sabe, mas antes do MBL existir, antes dessa intolerância, desse mundo de ódio existir, as categorias científicas do pensamento social dialogam, e se completam historicamente. Isso é ciência, isso é pensamento econômico. E é exatamente essa escola que eu defendo. Uma escola com pluralidade, uma escola de qualidade, uma escola que dê acesso ao conhecimento igual para todos.

E queria terminar, nessa minha fala, dizer que acho que precisamos falar em especial com as pessoas que pensam e refletem sobre a conjuntura que vivemos hoje. Uma conjuntura em que depois do golpe que existiu no Brasil, existiu um desmonte de tudo que é público e a escola está inserida nesse contexto. Depois da PEC 55, aprovada no Congresso Nacional, não temos mais aumento de orçamento progressivo, aumento real das políticas

públicas. Então, políticas públicas essenciais, fundamentais para a cidadania, educação, saúde, segurança pública e outras estão fadadas a acabar;

Por isso, que precisamos unir a sociedade em torno dessas lutas, lutas amplas. O que trata aqui não é só combatermos o escola sem partido. O escola sem partido não é só um projeto inconstitucional e eu fui convidada para debater o escola sem partido e não o projeto de lei do Holiday. Inclusive, o projeto de Alagoas e vários outros já tinham sido...

- Manifestação entre os presentes.

A SRA. CARINA VITRAL - Eu posso mostrar o whatsapp do Kim me convidando para o debate. O tema era Escola Sem Partido, não tinha nenhum projeto de lei. Chega aqui, agora, e tem isso, mas antes não tinha.

Queria dizer pras pessoas que pensam, que refletem, que verdadeiramente concordam com a existência da escola pública, que nós precisamos nos unir em defesa da própria escola pública, não basta combater o Escola Sem Partido porque se o Escola Sem Partido não passar em nenhuma Câmara de Vereadores, ainda vamos ter uma escola pública sem o investimento necessário; uma escola pública sem qualidade; o professor desvalorizado, desmotivado. Ainda vamos ter a violência nas escolas, ainda vamos ter assédio e uma série de questões que acontecem nas escolas.

Portanto, tenho grande orgulho de não ser uma empresa, de ser representante de um movimento social que aposta, em especial, na força da juventude brasileira; um movimento que ocupou escolas em todo Brasil, e não foi só o UJS. Temos orgulho de dizer que ocupamos escolas, mas junto com autônomos, com estudantes, como um todo, porque a defesa da escola pública é a defesa ampla de quem quer um país do futuro, de quem quer um país decente, um país desenvolvido que aposta na Educação da juventude.

Portanto, a defesa da escola pública não tem dono, deve ser de toda sociedade porque as pessoas que estão aqui não são a maioria da sociedade. A maior parte da sociedade brasileira defende a escola pública e não o que disse o cidadão, que não defende

escola pública, que não defende INSS. A maior parte da sociedade brasileira – e nós estamos com a maioria – acha que temos de ter saúde de qualidade nos postos; acha que temos de ter educação pública de qualidade, que é preciso ter aposentadoria, que o Temer não pode cortar a aposentadoria dos idosos e das idosas.

Portanto, precisamos isolar os radicais, os radicais não podem nos pautar, eles não nos pautam, eles não são ninguém. Precisamos dialogar com a realidade da sociedade brasileira e a realidade vai muito além de uma página no *Facebook!* Muito além! A realidade da escola brasileira é que nós precisamos de investimentos, de qualidade, da valorização do professor e da democracia. Precisamos muito de estudantes na luta organizada pra defender a escola pública.

Por isso temos orgulho, eu tenho orgulho de ser presidenta da União da Juventude Socialista! Uma organização de que defende a escola pública, há mais de 30 anos. Eu não comecei ontem, os meus iguais não começaram ontem, temos história e a História está do nosso lado.

Obrigada!

- Manifestação dos presentes.

O SR. PRESIDENTE (Fernando Holiday) – Obrigado, Carina.

Tem a palavra por seis minutos, Kim Kataguiri, Movimento Brasil Livre.

O SR. KIM KATAGUIRI – Bom, tem uma coisa que eu preciso dar o braço a torcer, admiro a Carina, admiro a cara de pau dela! Primeiro ela diz: ah, nós somos a maioria, eles são insignificantes! Une professor contra o *impeachment*, de que adiantou? Nada! Une professor contra a reforma trabalhista, de que adiantou? Nada! Une professor contra o teto, de que adiantou? Nada! Une professor contra Doria, contra Holiday, de que adiantou? Nada! Une professor contra escola sem partido? Do que vai adiantar? Nada!

- Manifestação entre os presentes.

O SR. KIM KATAGUIRI – E mais, ela ainda diz: eu, porque faço Economia - sei lá

deve estar no decimo ano de Economia - já li Adam Smith. Eu, porque faço Economia, diferente do Artur, li Adam Smith que fez a Teoria do Valor. Ela nem soube completar o nome da teoria, é a Teoria do Valor-Trabalho. Se ela realmente tivesse lido saberia que a Mais Valia não funciona porque a Teoria do Valor Trabalho foi refutada pela Revolução Marginalista. Então se você realmente frequentasse as aulas de Economia, você não estaria dizendo uma bobeira dessas. É muito fácil ir a meia-dúzia de aulas de Economia, dizer que leu Adam Smith, mas Google não é universidade, sinto te dizer.

Vamos lá, a Carina diz: que absurdo, você não estudou História, o Sarney não é de esquerda. Vamos lá: *Políticas Liberais* do Sarney, controle de preços, congelamento de salário, estatização, política de campeões nacionais, que foi repetida pelo PT, que direita é essa? Você que tanto gosta de falar, estudem História, realmente não é o MBL que tá precisando estudar História.

A incoerência não para por aí, diz: “as crianças têm muita informação, as crianças não são meros robzinhos”. Eles mesmos admitem que a escola pública municipal, o ensino básico está sucateado, mais de 55% das crianças não sabe reconhecer o valor de uma nota, de uma cédula, não sabe interpretar um texto. E agora dizem: não, elas têm pensamento crítico... Lógico, há várias teses de doutorado saindo do jardim de infância... É óbvio que não, pelo amor de Deus!

- Manifestação dos presentes.

O SR. PRESIDENTE (Fernando Holiday) – Por favor, por favor, silêncio.

O SR. KIM KATAGUIRI – Vamos lá, pra finalizar: o Catatau falou aqui que, na verdade, quem fala de ideologia de gênero não sabe do que está falando, que esse termo não existe, que todos que vão contra a ideologia de gênero nem sequer leu sobre a ideologia de gênero. Mas o fato é que Judith Butler, que é a teórica da Teoria Queer, ela mesma utiliza a expressão ideologia de gênero, o que demonstra que defende a ideologia de gênero. Nem você que defende a teoria de gênero leu Judith Butler, e são somente 70 páginas!

- Manifestação dos presentes.

O SR. PRESIDENTE (Fernando Holiday) – Por favor, silêncio.

O SR. KIM KATAGUIRI – Vou terminar, gente. Podem relaxar. Segura o fuzil um pouco, calma. Segura aí o proletariado.

- Manifestação entre os presentes.

O SR. KIM KATAGUIRI –Vamos lá, pra terminar: é engraçado como quando falamos de Educação, das matérias, das disciplinas que devem ser dadas em sala de aula, tanto o Catatau quanto a Carina falam de História, mas, ao mesmo tempo, defendem o comunismo; tanto o Catatau quanto a Carina falam de Biologia, mas, ao mesmo tempo, defendem a ideologia de gênero. E tanto o Catatau quanto a Carina falam em português, mas ambos não conseguem fazer sequer uma conjugação verbal! Isso não me surpreende porque vêm de estudantes que deveriam representar os estudantes, mas que, no final, infelizmente, pra nossa tristeza, não estudam!

Obrigado.

- Manifestação entre os presentes.

O SR. PRESIDENTE (Fernando Holiday) – Gostaria de agradecer a presença dos convidados – os favoráveis e os contrários – todos os que participaram, do Vereador Alfredinho. Realmente precisamos manter o debate com muito respeito.

Agradecendo a presença de todos, declaro encerrada a presente audiência pública.

Uma boa noite a todos.

